

ANÁLISE DAS DISPARIDADES DE GÊNERO NA PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA E MEDO DO CRIME NO SETOR GOIÂNIA 2 EM GOIÂNIA - GO

ANALYSIS OF GENDER DISPARITIES IN THE PERCEPTION OF SAFETY AND FEAR OF CRIME IN THE GOIÂNIA 2 SECTOR IN GOIÂNIA – GO

Mariana Ignats Rodrigues
Reycilane Carvalho da Silva

RESUMO

A insegurança social é uma realidade que vivenciamos a cada dia em nosso país, independente de sexo, classe social ou faixa etária. Entretanto, sabemos que alguns perfis são mais suscetíveis a sofrer algum tipo de crime. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo analisar a percepção de segurança de indivíduos de moradores no setor 2 de Goiânia, correlacionando as respostas de acordo com o gênero. Ao total foram aplicados 102 questionários através da ferramenta *Google forms*, sendo 49 homens e 53 mulheres. Os dados indicaram que ambos os sexos relataram ter sentido em algum momento enquanto residentes do setor 2 medo relacionado a possíveis ocorrências de crimes. Durante a análise, tornou-se evidente que principalmente as mulheres possuem maior insegurança, sendo que mais da metade destas afirmaram ter medo de saírem sozinhas nas ruas da região. O receio está evidenciado não apenas em locais públicos como também em seus próprios lares, fazendo com que estas adotem cuidados como mudar rotinas de horários e frequência de ambientes tipicamente masculinos. Apesar disso, os entrevistados afirmaram que o setor 2 é relativamente um lugar bom para se viver. Os estudos demonstram a necessidade de um maior fomento de políticas públicas eficientes que assegurem as mulheres em todos os ambientes.

Palavras-chave: Segurança. Crimes. Gênero. Percepção.

ABSTRACT

Social insecurity is a reality that we experience every day in our country, regardless of gender, social class or age group. However, we know that some profiles are more susceptible to suffering some type of crime. In this context, this study aimed to analyze the perception of safety of individuals of residents in sector 2 of Goiânia, correlating the responses according to gender. A total of 102 questionnaires were applied through the Google forms tool, 49 men and 53 women. The data indicate that both sexes reported having felt, at some point, as residents of sector 2, fear related to possible occurrences of crimes. During the analysis, it became evident that mainly women are more insecure, with more than half of them saying they are afraid to go out alone on the streets of the region. The fear is evidenced not only in public places but also in their own homes, causing them to adopt precautions such as changing routines of schedules and frequency of typically male environments. Despite this, respondents stated that sector 2 is relatively a good place to live. The studies demonstrate the need for greater promotion of efficient public policies that ensure women in all environments.

Keywords: Security. Crimes. Gender. Perception.

□1 INTRODUÇÃO

A questão da segurança pública é um tema crucial em qualquer sociedade, afetando diretamente a qualidade de vida e a sensação de tranquilidade dos cidadãos. Uma dimensão importante desse contexto é o medo do crime, que pode influenciar as escolhas e os comportamentos das pessoas. Nesta pesquisa, pretende-se explorar como o medo do crime difere entre os gêneros masculino e feminino, investigando se as mulheres têm uma percepção de segurança diferente em relação aos homens. O contexto envolve a análise dos fatores sociais, culturais e psicológicos que podem contribuir para essas diferenças.

Em razão do aumento contínuo da violência que permeia todo o território nacional, os campos relacionados à segurança pública têm sido objeto de atenção incessante por parte da sociedade. Por essa razão, a tarefa realizada pela Polícia Militar tem relevância imprescindível para a população, e suas ações são observadas, analisadas e julgadas por todos

(SILVA e COSTA, 2019).

Logo, a importância deste estudo abrange diversos aspectos. Em primeiro lugar, entender que as diferenças de gênero, no medo do crime pode fornecer informações valiosas para a elaboração de políticas de segurança pública, eficazes e inclusivas. Ao identificar as preocupações particulares das mulheres em relação à segurança, esse estudo pode servir como um alicerce para a formulação de diretrizes mais contextualizadas, que abordem suas apreensões de maneira mais efetiva.

A abordagem desse tema é relevante, pois pode enriquecer estratégias policiais e interações com as comunidades, por meio de pesquisas com os habitantes do setor Goiânia 2. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo (2010) divulgados a população do Setor Goiânia 2 possuía 5 900 pessoas. A compreensão das perspectivas de ambos os gêneros sobre segurança pode influenciar táticas de policiamento sensíveis ao gênero, levando a uma comunicação policial aprimorada e maior confiança social, bem como à construção de laços entre as forças de segurança e a comunidade.

Outro aspecto impactante deste estudo está na disseminação de informações sobre segurança pública e criminalidade. Tais notícias, principalmente as que envolvem violência, chegam a todo instante aos cidadãos, e isso contribui de maneira inconsciente para que o medo do crime siga em ritmo crescente, impactando negativamente na qualidade de vida de todos (MENDES e COSTA, 2018).

Dessa forma, a justificativa para a condução desta pesquisa, se baseia na necessidade de preencher uma lacuna na literatura acadêmica e na esfera da segurança pública. Isso visa incentivar uma compreensão mais ampla das complexidades que sustentam a sensação de segurança dos indivíduos dentro de sua comunidade. Assim, contextualizado, o objetivo é observar como o medo do crime difere entre os gêneros masculino e feminino. Além de observar quais são os fatores subjacentes que contribuem para as diferenças na percepção de segurança entre homens e mulheres.

Nesse sentido o presente estudo busca, analisar as diferenças de gênero na interpretação acerca do medo do crime, investigando se as mulheres têm uma percepção de segurança diferente dos homens e identificando os possíveis fatores que influenciam essas diferenças. Busca ainda, quantificar e comparar os níveis de medo do crime entre homens e mulheres em uma determinada localidade. Identificar os principais fatores socioeconômicos que podem influenciar a percepção de segurança. Além de analisar a influência de fatores culturais e sociais na formação do medo do crime em diferentes gêneros.

A pesquisa bibliográfica embasará teoricamente o estudo, incluindo análise crítica de estudos prévios sobre gênero, medo do crime e percepção de segurança. No âmbito geográfico, a pesquisa ocorrerá em área urbana específica, selecionada com base em critérios de representatividade e disponibilidade de dados, assegurando pertinência aos objetivos da pesquisa.

A pesquisa empregará abordagem mista, combinando dados quantitativos e qualitativos da amostra selecionada. Para coleta quantitativa, serão aplicados questionários estruturados a amostra representativa da população, abrangendo homens e mulheres. Análise estatística comparará resultados e identificará padrões específicos acerca do tema abordado, configurando o objeto em análise.

Assim estabelecido, o presente estudo obstina realizar uma análise correlacionada ao medo do crime comparando a maior ou menor incidência de acordo com o gênero do entrevistado. A estrutura deste, será construída a partir de uma análise investigativa de referencial teórico, a idealização da metodologia, seguida da apresentação dos resultados e discussão, a ser finalizada com as considerações finais da pesquisa.

□2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A importância da segurança pública

Xavier (2019) comenta que a segurança representa uma necessidade básica dos indivíduos, e, a segurança pública existe para garantir a preservação da ordem pública, respeitando os direitos individuais até o ponto que esses não interfiram no bem coletivo. Assim, a sociedade tem clamado por tranquilidade e paz diante da vulnerabilidade individual e também coletiva de muitas realidades sociais a que estamos expostos e da insegurança que assolam algumas cidades do Brasil.

Silva e Costa (2019) comentam que no estado de Goiás, alguns casos de abusos cometidos por policiais já foram relatados, este fato preocupa e influencia a percepção da comunidade sobre o trabalho da Polícia no estado. Nesse sentido, conhecer o sentimento que a sociedade nutre pela força policial de sua região, assim como a maneira que esse sentimento foi construído, é de grande relevância para a gestão da Polícia Militar em Goiás, uma vez que, a abordagem desse tema é determinante para que existam ajustes e soluções que objetivam a

parceria da sociedade para com a força policial, potencializando assim a maior eficiência do trabalho de segurança pública.

Quando falamos de segurança pública esmiuçamos sobre a temática de prevenção ao crime e à violência, a participação popular e as opiniões de técnicos e especialistas na área sempre devem ou deveriam ser levadas em consideração (SPANIOL, JÚNIOR, RODRIGUES, 2020). Este fator assevera a necessidade de se conhecer, diagnosticar e potencialmente prevenir situações de aumento da vulnerabilidade acerca do sentimento de segurança e consequentemente da segurança pública em geral.

Pode ser descrito ainda que o modelo de segurança pública adotado pelo Brasil está descrito no art. 144 da Constituição Federal apresentando entre seus órgãos três polícias com competência na União, sendo eles: I - polícia federal, II - polícia rodoviária federal e III - polícia ferroviária federal; E duas estaduais IV - polícias civis e V - polícias militares e os corpos de bombeiros militares, estas competências estão descritas nos parágrafos um a seis do dispositivo. Tal modelo está longe de ser o ideal e de atingir as necessidades da sociedade brasileira nos dias atuais no que estabelece à prevenção de crimes e da violência e também ao respeito à cidadania (BRASIL, 1998).

Mendes e Costa (2018) ressaltam que a facilidade e a agilidade na troca de informações, nas notícias sobre criminalidade e também dos atos violentos chegam a todo instante, principalmente para os indivíduos que residem nas capitais e grandes centros urbanos, o que acaba corroborando de maneira inconsciente para que o medo do crime cresça cada vez mais, impactando negativamente na qualidade de vida de todos os cidadãos.

Comenta-se ainda, que o sentimento de insegurança é algo que realmente altera o hábito de uma sociedade, onde as pessoas acabam deixando de interagir com maior constância, interrompendo momentos de lazer e também as atividades físicas por razão da possibilidade de se tornar vítima de algum crime. Logo, os indivíduos sentem-se apreensivos e isso muitas vezes acaba se expandindo à sociedade em geral, que é o reflexo de um aumento potencial da criminalidade no contexto atual brasileiro (MENDES e COSTA, 2018).

Entretanto muitas vezes evidenciamos duras críticas levantadas contra segurança pública, por não colocarem esses casos midiáticos como sendo fatos infelizes e isolados, estes acabam fazendo uma generalização do trabalho policial. E esta representação acaba potencializando o sentimento de insegurança na população, estes que passam a temer a polícia devido críticas contorcidas e ao bombardeio midiático (CALAÇA, 2017).

Mesmo observando que homens e jovens, se sentem relativamente menos inseguros, observa-se por outro lado, que mulheres e idosos, mesmo apresentando as taxas mais baixas de vitimização criminal e menor probabilidade de serem vitimados, estes apresentam maiores taxas de insegurança, o que acaba sendo observado como medo do crime (FARRALL et al., 2007).

2.2 Diferenças reativas no medo do crime, sob uma perspectiva de gênero

Trindade e Durante (2019) argumentam que a criminalidade e o medo do crime são alguns dos principais problemas enfrentados pela população socioeconômica vulnerável. Nessa perspectiva, de maneira geral a literatura tende a tratar tais problemas como um único fenômeno ou a considerar estes automaticamente associados. Entretanto, a criminalidade e medo do crime são fenômenos que ocorrem de forma autônoma. Mesmo podendo existir algum grau de correlação entre ambos, dependendo do grupo social e também do lugar, eles apresentam dinâmicas próprias, além de causas e consequências distintas.

Pode ser ressaltado que medo tem sido tratado comumente como o que decorre das notícias veiculadas na mídia gerais sobre crimes; no pensamento social, existe o medo como resultante do terror do Estado que oprime os cidadãos. Nesse sentido, muitos outros problemas relacionados com o medo vem a afetar a construção e a eficácia das políticas públicas de segurança em grande medida porque tendem a negar a presença do medo na subjetividade dos agentes e da população afetada por elas (ZALUAR, 2019).

Oliveira e Mendes Silva (2021) comentam que a criminalidade traz perdas ao bem-estar que vão além das perdas econômicas costumeiramente contabilizadas em estudos de custos do crime, uma vez que não se pode ignorar que o medo do crime é responsável por reduzir a liberdade dos indivíduos e trazer assim perdas até então não observadas para as atividades econômicas.

Zaluar (2019) ainda comenta sob essa perspectiva, sem negar a importância da formação do Estado, esta focaliza as experiências de vida e as emoções desconstruídas das pessoas envolvidas em situações perigosas que as fazem temer por suas próprias vidas, riscos cada vez mais comuns no Brasil. Assim, o medo que se deve temer é o medo de ser morto ou torturado pelas armas das organizações estatais ou ilegais.

Todavia, Zaluar (2019) ainda expõe que não existe apenas um medo a ser considerado na construção da política de segurança pública, que é necessariamente vinculada à saúde. Existem vários medos, como: o dos civis afetados diretamente pelos confrontos armados entre

os combatentes; o dos combatentes; o dos moradores das cidades difusamente afetados por sensações advindas dos confrontos entre grupos distintos e da criminalidade urbana comum, isto é, agressões, latrocínios, furtos, assaltos, assassinatos interpessoais, e crimes passionais.

Nesse contexto o pensar que se coloca como fundamental nos crimes passionais e sua relação com a naturalização da violência contra a mulher se perfaz, e nesse sentido, sobre a ideia da legitimidade dos homens da honra de bem. Assim, comenta-se que muito embora essa honra não mais seja reconhecida juridicamente, a cultura nacional que ainda prevalece é de que o homem por ser um ser dominante não pode ter a sua honra agredida pela mulher (SAFFIOTI, 2001; SOUSA, 2010).

Assim, ainda pode ser ressaltado a ideologia do machismo no Brasil que se consagra sobre essa compreensão, logo, as mulheres que buscam a igualdade de gênero, principalmente, no que diz respeito às relações amorosas, são percebidas como violadoras do socialmente aceitável, concorrendo para a fúria do parceiro e, com isso, sendo ainda “responsabilizadas” pelo crime que lhes é praticado (SOUSA, 2010; SOUSA, 2003).

Desta forma contextualizado em que se percebe a mulher contemporânea e o discurso da mídia, a posição do sujeito feminino moderno é, na verdade, dividida, ambígua, com as transformações da sociedade dita da tecnologia, diferentemente do que pensam-dizem as próprias mulheres, continua funcionando, ao mesmo tempo, um imaginário de sentidos estabilizados sobre a mulher, e sobre o homem e suas relações (TOMÉ; LOURENÇO E TORRES, 2020).

Sobretudo deve ser apresentando que tal temática acaba sendo mais complexa, uma vez que não se pode negar certos direitos, mas permanecem alianças, conflitos e confrontos com velhos dizeres e fazeres. Ocorrendo um certo deslocamento da submissão que deixou de vir dos pais ou do marido e, agora, é exercida pela mídia e publicidade (SOUSA, 2003). Portanto, o discurso midiático em diversas esferas vem se colocando como machista e trazendo uma ideia de mulher que deve estar submissa, mesmo que essa submissão, nem sempre, se coadune com a simbólica dominação masculina sobre o feminino, mas traz este como um ser que necessita ser guiado, em outras palavras, que precisa estar sempre em opressão, visto que não tem capacidade para gerir ou cuidar de sua própria vida (TOMÉ; LOURENÇO E TORRES, 2020).

Tais condições de submissão e de diálogo machista, opressor acaba condicionando o feminino ao domínio e medo do masculino, ou seja, não só agrega ao contemporâneo a perpetuação de uma cultura proveniente do patriarcado, mas põe óbices à construção de novos costumes quanto às relações de gênero, por demonstrar rotineiramente que é natural ser agente num “crime do patriarcado que se sustenta no controle do corpo, da vontade e da capacidade punitiva sobre as mulheres pelos homens, o que acaba construindo nestas um medo constante do crimes realizados por homens (TOMÉ; LOURENÇO E TORRES, 2020).

Assim contextualizado, evidencia-se que os medos de crime podem ser manifestados de diversas formas, não são apenas emoções instintivas que se expressam fisicamente na fisionomia, na tensão muscular, no suor frio e outras manifestações corporais do medo, mas sim, são produzidos ou construídos pelos significados socialmente remetidos às emoções e aos objetos considerados como a fonte do medo (ZALUAR, 2019).

No entanto, apenas na experiência direta do ataque violento ou da ameaça de morte, os sintomas físicos se fazem visíveis e pode-se falar de algo próximo a uma emoção básica do medo (suores, taquicardia), mesmo nessa situação extrema de perigo à vida da pessoa haja lugar para a definição do que é a ameaça, quem ou o que ameaça, e a construção da resposta a ela. Em outras experiências, a construção social do medo, do objeto ameaçador que predomina sobre a emoção básica, da situação de ameaça, quase impossível de ser percebida (ZALUAR, 2019).

Santos e Moura (2021) apoiados por Borges (2013), argumentam utilizando informações de uma pesquisa realizada pelo IESP-UERJ, em parceria com o IBOPE, que em 2010, estimaram regressões logísticas para analisar a relação entre as taxas de vitimização e o sentimento de insegurança no Brasil. Logo, alcançaram resultados que mostraram uma relação positiva entre as variáveis. A pesquisa ainda mostrou que o fato de as mulheres, os mais velhos e os mais educados se sentirem mais inseguros, pode estar associado à atratividade, que é explicado pela crença de que a pessoa é um alvo atrativo para um potencial ofensor. Logo, a experiência de vitimização, direta ou indireta, pode fazer com que o indivíduo creia estar sempre sujeito a riscos. Nesse contexto, o sentimento de insegurança no Brasil deve ser interpretado como uma resposta às crenças de perigo, as quais são mais intensas nas regiões Nordeste e Sudeste do país.

Foram constatados ainda resultado semelhantes apresentados por Plassa e Cunha (2016). Analisando os fatores que aumentam a probabilidade de determinado grupo sentir-se mais inseguro do que outros no Brasil, através do modelo *logit*, indicaram que variáveis que representam vulnerabilidades socioeconômicas, físicas e geográficas mostraram-se estatisticamente significativas, entretanto, os resultados dependem do nível considerado na análise sendo eles o domicílio, o bairro ou a cidade. Logo, Santos e Moura (2021) comentam que o perfil da pessoa insegura no Brasil se caracteriza, em grande parte, por serem mulheres, moradores de áreas urbanas e metropolitanas, não brancos, com menor escolaridade e baixa

renda per capita. E, a sensação de insegurança seria fortemente afetada pela vitimização direta.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo da pesquisa

O estudo aqui evidenciado tem como intuito construir um material de pesquisa de cunho misto, sendo quantitativo e qualitativo, através da aplicação de questionários. Serão aplicados primeiramente questionários estruturados visando uma análise estatística que comparará resultados e identificará possíveis padrões de respostas que se assemelhem ao objetivo proposto do sentimento de insegurança entre homens e mulheres. Secundariamente, serão efetuadas entrevistas semiestruturadas com participantes selecionados dentro do espectro atingido pelo questionário estruturado que explorarão fatores culturais e sociais na percepção de segurança, analisados por meio de apreciação de conteúdo para interpretação contextual das respostas.

3.2 Local da pesquisa

A pesquisa será conduzida no Setor Goiânia 2, na cidade de Goiânia – GO.

3.3 População amostrada

A análise amostral será contruída por indivíduos adultos, abrangendo tanto homens quanto mulheres, moradores do setor Goiânia 2 na cidade de Goiânia – GO. Para determinação da amostra de pesquisa, os questionários serão aplicados a 102 indivíduos moradores do setor citado.

3.4 Critérios de inclusão e exclusão

Serão incluídos cidadãos moradores do setor Goiânia 2 na cidade de Goiânia – GO que se disponibilizarem a participar da pesquisa durante o período de aplicação do estudo (Out/Nov de 2023). Serão excluídos cidadãos que estejam hospedados, visitantes e trabalhadores migrantes.

3.5 Instrumentos de coleta

O instrumento de coleta a ser utilizado será o *Google forms*, empregado de maneira virtual a população alvo, encaminhada a população através de um *link* de acesso, encaminhado através de mídias sociais, como o *whatsapp* e *e-mail*.

3.6 Procedimentos de coleta

O link será encaminhado para os participantes que responderão as perguntas via *Google forms*, empregado de maneira virtual. A coleta de dados será realizada de maneira integralmente virtual a toda comunidade do Setor Goiânia 2, na cidade de Goiânia – GO. Obstinando aplicar o questionário com intuito de interrogar a comunidade sobre suas opiniões em relação ao medo do crime evidenciado no presente setor citado.

3.7 Processamento e análise de dados

A análise dos dados coletados será realizada por meio de balanços e comparativos de dados e informações. Tais evidencias, serão tabeladas e organizadas, por meio de projeções gráficas que permitam a melhor visualização dos resultados da pesquisa. Assim, tais dados serão trabalhados e correlacionados a indícios científicos já evidenciados, afim de construir uma discussão e uma conclusão expressiva sobre o tema estudado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a construção da discussão estabelecida abaixo foram aplicados então dois questionários utilizando a ferramenta *Google forms*. A coleta resultou em 102 respostas aos questionários. Estes foram aplicados para o indivíduos (M) do sexo masculino (49 respostas)

e para o (F) sexo feminino (53 respostas), com fito de conseguir melhor contextualizar os dados coletados (Tabela 1).

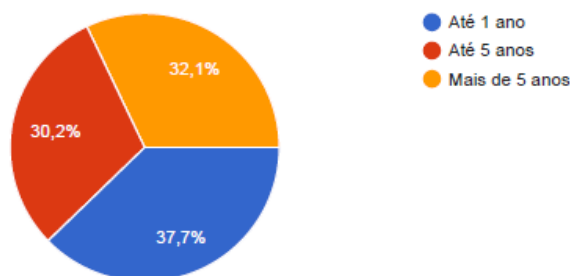
Tabela 1 – População amostral.

Análise das disparidades de gênero na percepção de segurança e medo do crime no Setor Goiânia 2 em Goiânia – GO	
Sexo	Respostas
Masculino (M)	49
Feminino (F)	53

A fim de potencializar os resultados da pesquisa, ao final da aplicação do questionário quantitativo ainda foi estabelecida e aplicada uma questão em aberto, para questionar o que os participantes (população amostral) achavam do assunto ou se tinham algo a complementar. Estes depoimentos serão utilizados para complemento de dados dos resultados e discussões aqui estabelecidos.

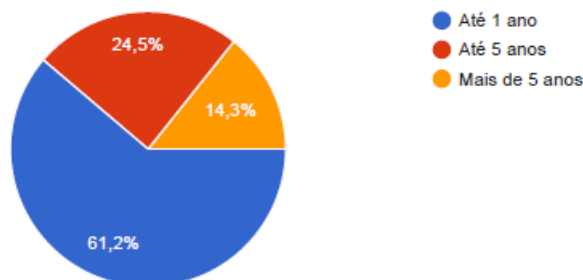
Para tanto foram propostas perguntas relacionadas ao medo do crime na cidade de Goiânia mais especificadamente no setor Goiânia 2. Inicialmente, foi analisado a quantidade de tempo que a população amostral residia em Goiânia (gráfico 1 e 2). Analisando estes gráficos é possível notar que o índice de estacionamento de moradia no setor é maior entre o público feminino do que entre o público masculino. Observa-se que mais de 62% das entrevistadas (F) residem no setor a mais de 1 ano. Enquanto o montante de residentes (M) a mais de um ano verificam apenas 38,8%.

Gráfico 1 – Quantidade de tempo que vive no setor Goiânia 2 (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

Gráfico 2 – Quantidade de tempo que vive no setor Goiânia 2 (M):



Fonte: Elaborada pelo autor

É notável que muitas pessoas se sentem inseguras ao caminhar pelas ruas sozinhas, em destaque para pessoas do sexo feminino, conforme evidenciado no gráfico 3 onde mais de

50% da população amostral F, relata ter medo de andar sozinha. Uma participante relata:

- “Na verdade a minha maior insegurança não está ligada ao setor Goiânia 2, tenho medo de andar sozinha nas ruas de qualquer setor, a humanidade está doída, ser humano perdeu o amor e não confio e não me sinto bem em andar sozinha mais”.

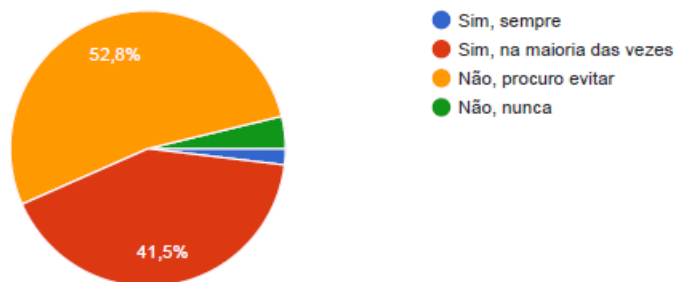
Outra complementa:

- “Está muito difícil andar pelas ruas, seja do setor Goiânia 2 ou qualquer parte do nosso país. Não temos tranquilidade. Por todos os cantos estamos cercados da criminalidade. Os governantes deviam criar e colocar em prática políticas públicas de segurança, mas infelizmente a polícia prende e as leis soltam”.

Por conseguinte analisando o gráfico 3 e 4 é possível observar uma enorme diferença entre o quanto seguro o indivíduo se sente ao caminhar pelas ruas do setor sozinho (a). Observa-se que, enquanto apenas 12,2% do público masculino admite não se sentir seguro e procura evitar sair sozinho, o público feminino apresenta 52,8% admitindo a mesma alegação. Entretanto, outros 41,5% relatam que estas (F) se sentem seguros ao andar sozinhas na maioria das vezes, já o público masculino relata em 71,4% dos entrevistados relatam que se sentem seguros na grande maioria das vezes. Colaborando com o que Trindade e Durante (2019) ressaltam que as mulheres se destacam entre os grupos mais vitimados, com mais medo do crime e com uma maior percepção de risco.

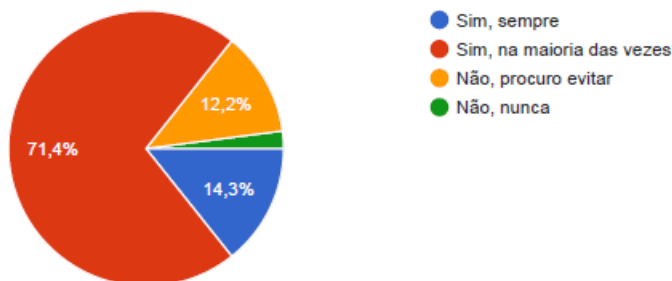
Os mesmos autores relatam em suas pesquisas que as mulheres se destacam em todas as situações analisadas, e sendo a insegurança significativamente maior em suas casas e também nos bairros onde estas residem. Os autores ainda expõem que todas as situações analisadas, são estas mulheres que necessitam de modificar sua rotina, especialmente evitando ficar em casa sozinhas, de frequentar locais onde exista consumo de bebida alcoólica ou até mesmo de conversar e atender pessoas desconhecidas (TRINDADE e DURANTE; 2019).

Gráfico 3 – Sente-se seguro ao caminhar pelas ruas do setor sozinho(F):



Fonte: Elaborada pelo autor

Gráfico 4 – Sente-se seguro ao caminhar pelas ruas do setor sozinho (M):

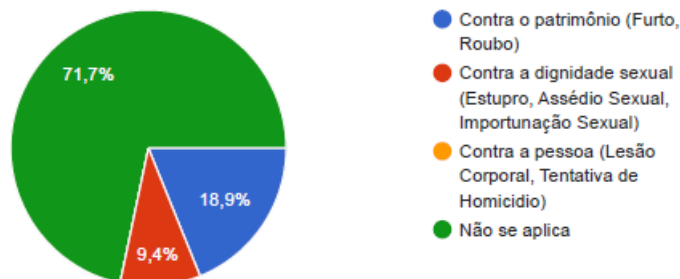


Fonte: Elaborada pelo autor

Quando relacionamos os participantes a fatores relacionados a crimes vivenciados (gráfico 5 e 6), observamos que em cerca de 70% do público geral (F e M) alegaram nunca terem sido vítimas de algum crime. Entretanto, é interessante observar que os demais 30% observados foram voltados aos crimes de furto/roubo e contra a dignidade sexual, logo, observa-se que enquanto apenas 2% dos indivíduos M sofreram com crime contra a dignidade sexual, nas mulheres esse número quadruplica, sendo observado formando mais de 9% dos indivíduos F.

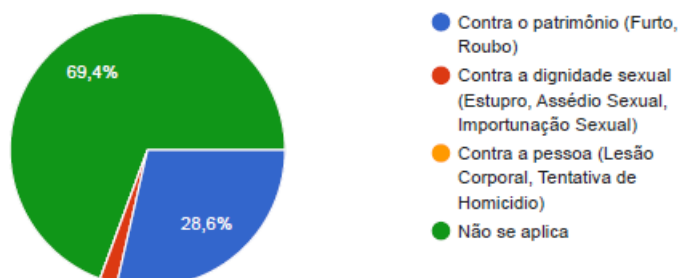
O que condiz com o exposto por Sousa e Silva (2018) que existem várias formas de violência contra a mulher, entretanto, a sexual se destaca, que uma vez que esta não somente é reveladora da desigualdade de gênero, mas também se expressa de forma emblemática. Mesmo que possa ocorrer em diferentes circunstâncias em distintos cenários e ainda afetar pessoas de ambos os sexos, é a população feminina que apresenta a maior incidência em todas as faixas etárias.

Gráfico 5 – Já foi vítima de algum crime (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

Gráfico 6 – Já foi vítima de algum crime (M):

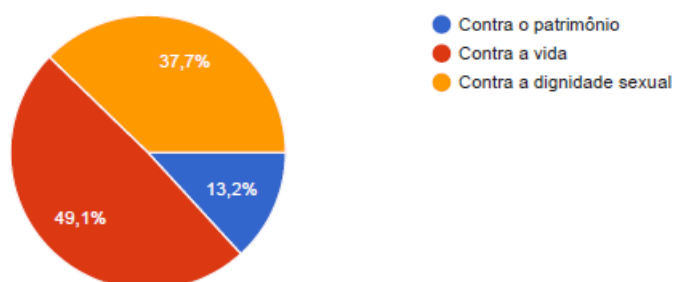


Fonte: Elaborada pelo autor

Quando relacionamos ao tipo de medo quando avista alguém em atitude suspeita vindo em sua direção (Gráficos 7 e 8), observamos mais uma vez a diferença entre a crime de teor sexual e entre os indivíduos M e F. Enquanto 37,7% dos entrevistados F expressão medo contra a dignidade sexual, somente 4% dos indivíduos M compartilham do mesmo medo.

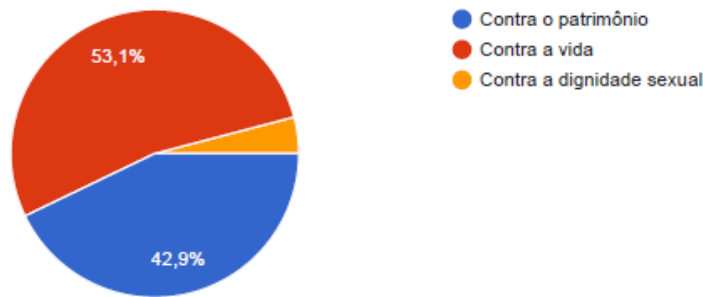
A menor quantidade de vítimas de medo de crime do sexo masculino pode ainda estar relacionada aos estereótipos sexuais culturais presentes nas sociedades, o que podem levar crianças e adolescentes do sexo masculino a crescerem e se desenvolverem com cabeças formadas com valores do que podem ou devem fazer/agir (COSTA, CAVALCANTE & REIS, 2018). Considerando ainda que a manutenção de relações sexuais com os adultos, especialmente com mulheres, e a autonecessidade de demonstrar certa forma masculinidade. Outro fator que pode também ser associado aos baixos níveis de medo de crimes sexuais em M.

Gráfico 7 – Tipo de medo quando avista alguém em atitude suspeita vindo em sua direção (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

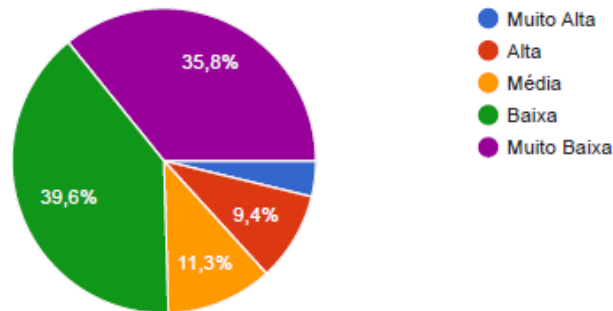
Gráfico 8 – Tipo de medo quando avista alguém em atitude suspeita vindo em sua direção (M):



Fonte: Elaborada pelo autor

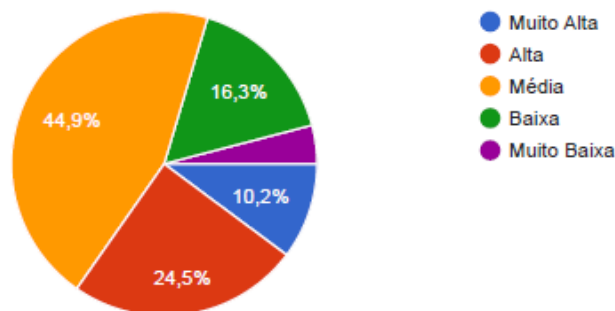
Quando analisamos dados relacionados a possibilidade de reação corporal ao crime observa-se que a chance de um indivíduo M reagir é muito maior do que de F. Dos relatores observamos a partir do gráfico 9 que enquanto F expõe cerca de 75% de chance de não apresentar uma reação corporal contra um indivíduo suspeito. A população amostral M apresenta que cerca de 69% apresentam chance média ou alta de reação.

Gráfico 9 – Possibilidade de reação corporal contra o crime (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

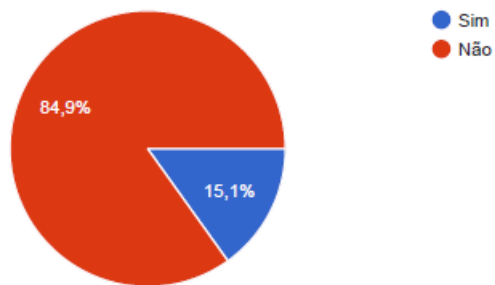
Gráfico 10 – Possibilidade de reação corporal contra o crime (M):



Fonte: Elaborada pelo autor

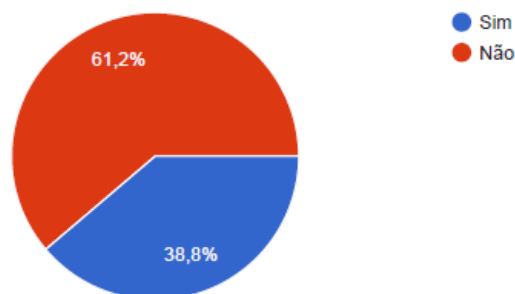
Os gráficos 11 e 12 demonstram que em grande peso, os residentes do setor Goiânia 2 não tiveram que utilizar serviços de segurança pública. Sendo observado que em F da população amostral analisada apenas 15,1% já recorreram ao serviço de segurança pública (levando em consideração a Polícia Militar, Polícia Civil, Guarda Civil Metropolitana), já na população amostral M observou-se uma proporção maior, cerca de 38,8% já acionaram algum dos serviços.

Gráfico 11 –Necessitou acionar serviços de segurança pública do Estado de Goiás para algum fato ocorrido no setor Goiânia 2 (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

Gráfico 12 – Necessitou acionar serviços de segurança pública do Estado de Goiás para algum fato ocorrido no setor Goiânia 2 (M):



Fonte: Elaborada pelo autor

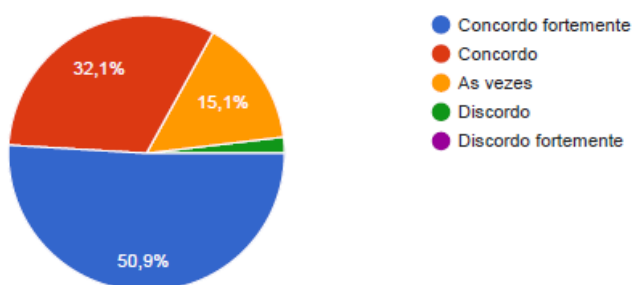
Observando os gráficos 13 e 14 corroborando com as coletas, observamos que tanto F quanto M demonstram se sentirem mais seguros ao avistar uma viatura fazendo patrulhamento policial (>80%). E nesse sentido comentar que o fator segurança pública influencia diretamente no sentimento de segurança da população. Assim como alegado pela participante que relata:

- “Com o aumento dos policiais nas ruas podemos se sentir um pouco mais tranquilas”.

Outra participante relata:

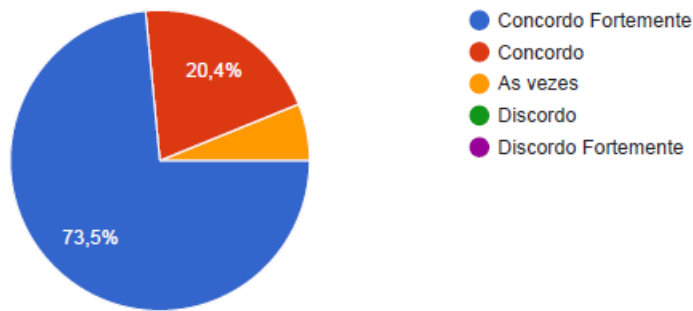
- “Acho o setor bem tranquilo, em toda via prefiro evitar em caminhar sozinha, quando estou acompanhada ando sem medo. Mais se tivesse mais patrulhamento policial aí sim sairia sozinha sem medo”.

Gráfico 13 – Nível de segurança ao avistar a viatura da Polícia Militar em patrulhamento pelo Setor Goiânia 2 (F):



Fonte: Elaborada pelo autor

Gráfico 14– Nível de segurança ao avistar a viatura da Polícia Militar em patrulhamento pelo Setor Goiânia 2 (M):



Fonte: Elaborada pelo autor

Sobretudo podemos ressaltar que os participantes acreditam na segurança pública, e veem esta como um pilar essencial para evitar o medo do crime e logo potencializar a melhor qualidade de vida das pessoas. Assim como relatado:

- “A polícia é a última barreira entre o bem e o mal, por isso devemos valorizá-la mais ainda. Instituição de grande valia”.

De forma geral a população amostral relata que se sentem seguros em se viver no setor Goiânia 2. Ressaltando que em sua maioria não necessitam nem ao menos de acionar serviços de segurança pública para alguma ocorrência. O que condiz com os relatos argumentativos dos participantes:

- “Considerando que não é um setor com muita movimentação de pessoas nas ruas - que supostamente reduz a chances de crimes "oportunos" - eu esperava que fosse um local com muito mais criminalidade. Moro aqui há quase 5 anos e já andei pelas ruas do setor até de noite, sem medo. Mas, claro, sou homem, isso ajuda muito”.

- “Super importante falarem sobre segurança pública em nosso setor para melhorar ainda mais o bem estar de todos”.

- “Nunca tive nenhum problema ao andar no setor, mas sempre estou muito atenta”.

Explicitando que por mais que exista o medo de se caminhar sozinha(o) com foco em mulheres do sexo feminino (gráfico 3) onde mais de 50% das participantes alegam evitar andar sozinhas, tal fator foi identificado relacionado a uma forma mais abrangente e generalizada, não foi correlacionado diretamente ao setor.

As questões de gênero aqui estabelecidas ainda são marcadas por um certo patriarcalismo que gera uma cultura diferenciada para homens e mulheres operando de forma diferente para cada gênero estabelecido (COSTA, CAVALCANTE & REIS, 2018). Existindo ainda cobranças sociais em relação ao sexo masculino que carregam estereótipos sobre os papéis que devem desempenhar socialmente. Ainda podemos argumentar sob esta perspectiva que, ainda pode existir um certo medo do rótulo da homossexualidade ao demonstrar certas “fragilidades”. Por fim, entende-se que a população amostral F demonstra muito mais medo da criminalidade do que a população M.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa observamos o quanto a percepção de segurança está relacionado ao gênero, e os padrões de respostas encontrados através dos questionários aplicados aos participantes apontam que atualmente a mulheres apresentam um maior “medo” em relação a ocorrência de qualquer crime.

Como já esperado mais da metade das mulheres entrevistadas relataram ter medo de caminharem sozinhas pelas ruas, informação esta que se contrapõem a pequena parcela dos homens que afirmaram ter o mesmo receio. Socialmente falando podemos relacionar este medo principalmente a maior fragilidade do sexo feminino, que geralmente por possuir menor força quando comparamos com um corpo masculino, está mais suscetíveis aos crimes que envolvam violência ou grave ameaça.

O medo feminino pelo possível cometimento de crime é tão significativo que ele se estende inclusive para além dos espaços sociais. Através desta pesquisa observamos que muitas entrevistadas afirmaram não se sentirem seguras nem em seu próprio domicílio, e é comum que muitas necessitem mudar hábitos simples, como por exemplo dar uma informação a um desconhecido, ou até mesmo suas rotinas como por exemplo alterar trajetos e evitar alguns ambientes tipicamente masculinos, a fim de poderem se sentir um pouco mais seguras.

Se o medo de uma mulher pela ocorrência de um crime já é algo preocupante, esse medo se intensifica potencialmente quando esse delito trata-se de um crime sexual. Essa modalidade representa não apenas o medo por sua integridade física e pela sua própria vida, mas também afeta sua honra e a sua percepção moral de dignidade frente a sua própria imagem bem como perante a sociedade. Esse medo correlaciona-se ao emocional feminino de tal maneira, que observamos pelas respostas que é muito mais provável em qualquer circunstância uma reação masculina do que uma reação masculina quando da ocorrência de qualquer crime.

Referente a localização geográfica analisada, observa-se que de modo geral os entrevistados relataram-se se sentir seguros em viver no setor setor Goiânia 2, apesar de constantemente afirmarem saber que atualmente a insegurança está em toda parte, requerendo sempre cuidados habituais para prevenir a ocorrência dos delitos.

Finalmente, podemos concluir através desta pesquisa que há necessidade de fomento de pesquisas científicas bem como políticas públicas mais rigorosas relacionadas a segurança pública com enfoque no público feminino, para que desta forma possa-se corroborar com a mitigação da sensação de insegurança vivenciadas pelas mulheres todos os dias em nosso país, independente da região onde estas estejam localizadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Justiça Federal. Artigo 144 da Constituição Federal de 1988. Jusbrasil. 1998. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10673132/artigo-144-da-constituicao-federal-de-1988> Acesso em: 02 Out 2023

CALAÇA, M. **O Medo da Polícia**. Disponível em: <https://www.dm.com.br/cotidiano/2017/12/o-medo-da-policia> . Acesso em 03 Out. 2023.

COSTA, L. P.; CAVALCANTE, L. C.; REIS, D. C. **Autores de agressão sexual em contextos intra e extrafamiliar: revisão da literatura**. Mudanças – Psicologia da Saúde, 26 (2), Jul.-Dez. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Daniela-Reis-4/publication/330740718_Autores_de_agressao_sexual_em_contextos_intra_e_extrafamiliar-revisao_da_literatura/links/5c6ebaca92851c168fcc6e71/Autores-de-agressao-sexual-em-contextos-intra-e-extrafamiliar-revisao-da-literatura.pdf Acesso em: 01 Nov 2023

FARRALL, S.; GRAY, E.; JACKSON, J. *Theorising the Fear of Crime: The Cultural and Social Significance of Insecurities About Crime*. Experience & expression in the fear of crime working paper, n. 5, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. População Goiânia 2. 2010. Disponível: <https://censo2010.ibge.gov.br> Acesso em: 01 Nov 2023

MENDES, D.; COSTA, L. D. Da. **O sentimento de insegurança e medo do crime no bairro jardim planalto em Cristalina - Goiás**. 2018. Disponível em: <http://dspace.pm.go.gov.br:8080/pmgo//handle/123456789/896>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

OLIVEIRA, C. A. de.; MENDES SILVA, D. **Os impactos do medo do crime sobre o consumo de atividades de lazer no Brasil**. Revista Brasileira de Segurança Pública, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 156–173, 2021. DOI: 10.31060/rbsp.2021.v15.n1.1179. Disponível em:

<https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1179>. Acesso em: 3 out. 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.** Cadernos Pagu, n. 16, Campinas, 2001, p. 115-136, 2001.

SANTOS, L. M. de. S.; MOURA, K. H. de. L. **Vitimização do Crime e Sentimento de Insegurança: Evidências para o Brasil.** Vol. 12 Nº 3 (2021): Análise Econômica da Revisão Jurídica. 2022. Pernambuco - Brasil. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/EALR/article/view/12844> Acesso em: 30 Set 2023

SILVA, W. D. P.; COSTA, R. J. da. **Entre a necessidade e o medo: o ambíguo sentimento da população sobre a atuação da polícia militar em Anápolis - Go.** 2019. Disponível em: <<http://dspace.pm.go.gov.br:8080/pmgo/handle/123456789/2343>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SOUZA, G. P. de. **O discurso de mídia em relação à mulher.** In: SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, 6., 2003. Brasília-DF, 2003. Anais [...]. Brasília-DF: UCB, 2003.

SOUSA, N. A. de. **A honra dos “homens de bem”: uma análise da questão da honra masculina em processos criminais de violência contra mulher em Fortaleza (1920-1940).** MÉTIS: história e cultura, n. 18, v. 9, jul./dez. 2010.

SOUSA, M. M. M.; SILVA, N. C. **Análise das ocorrências de violência sexual contra mulheres atendidas em um serviço de referência.** *Analysis of cases of sexual violence against women seen in a reference service.* Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba. 2018;20(4):195-9. DOI: 10.23925/1984-4840.2018v20i4a3

SPANIOL, M. I.; JUNIOR, M. C. M.; RODRIGUES, C. R. G. **Como tem sido planejada a segurança pública no Brasil?** Análise dos Planos e Programas Nacionais de Segurança implantados no período pós-Redemocratização. Revista Brasileira de Segurança Pública. Dossiê Segurança e Justiça Criminal. São Paulo v. 14, n. 2, 100-127 ago/set 2020. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1035/362> Acesso em: 03 Out 2023

TOMÉ, S. F.; LOURENÇO, C. L.; TORRES, M. T. S. **A MÍDIA NA ANÁLISE DOS DELITOS PASSIONAIS: O MERCADO DO MEDO E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.** Direito & Desenvolvimento da Unicatólica. v. 3, n. 1 (2020) Disponível em: publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/red/article/view/4087 Acesso em: 03 Out 2023

TRINDADE, A.; DURANTE, M. **Medo do crime e vitimização no Distrito Federal: Analisando as vulnerabilidades de gênero, idade, raça e renda.** Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, vol. 12, núm. 2, pp. 239-265, 2019. Universidade Federal do Rio de Janeiro Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5638/563860269003/html/> Acesso em: 01 Out 2023

XAVIER, M. B. **UMA ABORDAGEM DO POLICIAMENTO COMUNITÁRIO NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.** Revista Univap - revista.univap.br São José dos Campos-SP-Brasil, v. 26, n. 50, jul. 2020. ISSN 2237-1753. Disponível em: <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v26i50.2294> Acesso em: 01 Out 2023

ZALUAR, A. **Os medos na política de segurança pública.** Violência. Estud. av. 33 (96) • May-Aug 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/4TQnKL5yp4Bbw6J7YHztFXL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 Out 2023